



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BÁRBARA LORENA DOS SANTOS ARAÚJO

**A EXPRESSÃO DA FALA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um olhar
sobre práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf em uma escola pública**

Brasília
2026

BÁRBARA LORENA DOS SANTOS ARAÚJO

**A EXPRESSÃO DA FALA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um olhar
sobre práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf em uma escola pública**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Gomes de
Almeida

Brasília
2026

BÁRBARA LORENA DOS SANTOS ARAÚJO

A EXPRESSÃO DA FALA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um olhar sobre práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf em uma escola pública

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga.

Aprovado em 13 de fevereiro de 2026.

Comissão Avaliadora

Profa. Dra. Sheyla Gomes de Almeida (MTC/FE/Unb)
(Orientadora)

Dra. Viviane Fernandes Faria Pinto
Membro Interno da Banca
Doutora em Educação
Professor(a) da Faculdade de Educação /MTC/UnB

Profa. Dra. Ana Luiza de França Sá
Membro Externa da Banca
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB

Me. Elisangela Moreira Peraci
Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas -
GEPPE/PPGE/FE/UnB
Suplente

CIP - Catalogação na Publicação

AA663ee Araújo, Bárbara Lorena Dos Santos.
A EXPRESSÃO DA FALA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um olhar sobre práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf em uma escola pública / Bárbara Lorena Dos Santos Araújo;

Orientador: Sheyla Gomes de Almeida. Brasília, 2026.
51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2026.

1. Educação Infantil. 2. Pedagogia Waldorf. 3. Expressão da fala . 4. Escola pública. 5. Práticas Pedagógicas . I. Almeida, Sheyla Gomes de, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças, cujas expressões, falas, gestos e formas singulares de se expressar inspiram diariamente o meu olhar para a Educação Infantil e deram sentido à construção desta pesquisa, reafirmando a importância de uma educação sensível, humana e respeitosa com a infância.

Dedico, de forma especial, ao meu irmão, João Guilherme, que, em sua infância, me revela diariamente o encanto de ser criança e me inspira a acreditar em uma humanidade mais humana, respeitosa e que reconheça as crianças como sujeitos de direitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder saúde, força e perseverança para concluir esta etapa tão significativa da minha formação acadêmica. Sem Ele, nada disso seria possível.

À minha família, pelo amor e carinho constantes, e ao meu namorado, pela presença, pelo cuidado e pelo incentivo ao longo dessa caminhada.

À minha orientadora, Dra. Sheyla Gomes de Almeida, pelas contribuições valiosas, por me ensinar a olhar a educação de forma mais humana, pela paciência e pelo acompanhamento cuidadoso durante todo o processo de construção deste trabalho, fundamentais para o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

À Universidade de Brasília, aos professores do curso de Pedagogia e a todos os profissionais que, ao longo da graduação, contribuíram para a minha formação, ampliando meus olhares sobre a educação.

À instituição escolar onde a pesquisa foi realizada e às educadoras participantes, pela receptividade, disponibilidade e pelas contribuições que tornaram possível a realização deste estudo.

Às crianças, que, com suas formas singulares de expressão, foram a principal inspiração para esta pesquisa.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa caminhada e contribuíram para a concretização deste trabalho.

“A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas um meio de expressão, de criação e de construção de identidade” (Vygotsky, L. S)

“A vida inteira é uma unidade, e não devemos olhar somente a criança, mas sua vida inteira; nós temos de olhar o ser humano em sua totalidade” (Rudolf Steiner)

MEMORIAL

Acredito muito na teoria de que todos nós temos propósitos de vida, entretanto, a busca por esses propósitos é um dos maiores desafios que enfrentamos. Sendo assim, em um lindo fim de tarde de um sábado em 26 de outubro de 2002 eu cheguei a este mundo, sendo filha de mãe cearense que veio muito nova para que meus avós tentassem a vida na tão sonhada capital do Brasil e com um pai mineiro que também veio em busca dos mesmos objetivos.

Desde muito nova eu sempre ouvia a minha mãe falar sobre a importância da educação. E foi por meio dela que vi a educação transformar as nossas vidas. Ela, sendo a primeira da família a ter um curso superior, nos mostrou que, por meio de muito esforço e dedicação, podemos colher bons frutos.

Apesar de ouvir a clássica frase "*Estuda se você quer ser alguém na vida*", eu só vim entender o real valor da educação com o tempo. Durante um certo período do meu ensino fundamental, fui uma aluna dedicada, mas a companhia de novas amigas, mudaram minhas prioridades naquele momento. A chegada do ensino médio, me trouxe uma nova realidade. A escola em que estudei sempre teve grande iniciativa quanto aos programas de ingresso na Universidade. Confesso que isso foi uma das coisas que me fizeram sonhar com esse espaço que, antes, eu nem tinha conhecimento e muito menos poderia imaginar que alcançaria ele um dia.

Tive um professor de filosofia que fez um projeto chamado "Pasta da vida", que foi essencial para que eu pudesse compreender o que estava fazendo e o que eu queria para a minha vida. Quando entendi o universo de possibilidades da vida universitária, aquele sonho foi plantado no meu coração e ali enxerguei uma possibilidade de não só um futuro melhor mais perspectivas de vida.

Passei a me dedicar ao Programa de Avaliação Seriada (PAS) e aos projetos de estudo que surgiam. Contudo, em meados do primeiro ano do ensino médio, eu dei início ao meu primeiro estágio que trouxe grandes mudanças. A rotina de trabalhar pela manhã, estudar à tarde e frequentar o Centro Interescolar de Línguas do Gama (CILG) duas vezes na semana durante à noite afetou o meu desempenho, e eu não era mais a aluna dedicada de antes. Contudo, finalmente cheguei ao PAS 3 com a imensa responsabilidade de tomar uma grande decisão. Sem auxílio e com poucas informações sobre as possibilidades, recorri até mesmo a

testes vocacionais. A dúvida ecoava na minha mente até que, por afeto e apego às crianças, decidi cursar Pedagogia.

No terceiro ano do Ensino Médio, eu estava extremamente empolgada para viver o tão sonhado "terceirão". Mas, mal sabia o que estava por vir. Quando pensei que tudo estava indo bem, veio o coronavírus e foi decretada a pandemia, algo que não mudou apenas a minha vida, mas teve impacto mundial. Entretanto, em meio a tantas incertezas, uma grande alegria me fortaleceu: a espera pelo meu irmão. Cujo tive o privilégio de acompanhar seu nascimento e, mesmo tão pequeno, veio para me ensinar tanto.

Vivenciamos o ensino remoto, que foi um grande desafio para todos. Meu último ano do ensino médio não foi aproveitado como eu esperava, mas a maior mudança ainda estava por vir. O resultado do PAS, que estava atrasado pela pandemia, chegou e eu estava sem muita esperança, pois o último ano não havia sido produtivo, entretanto, quando vi o meu nome na lista de aprovados, não conseguia acreditar e muito menos conter as lágrimas, foi uma tremenda alegria. E a partir disso, começava uma nova fase da minha vida e ousou dizer que até os dias de hoje a mais desafiadora.

Apesar da minha aprovação no PAS eu já não morava mais em Brasília, e embora o primeiro semestre fosse remoto e tenha me permitido seguir ao lado da minha família por um período, senti que era hora de enfrentar essa nova jornada e voltar a Brasília. A decisão de partir, mesmo antes das aulas presenciais, gerou conflitos familiares e internos, mas eu sabia que toda aquela mudança era crucial para o meu crescimento.

Mesmo em meio a tanta felicidade de estar vivenciando o mundo acadêmico, eu também tive que enfrentar algumas dificuldades nessa trajetória, por mais que eu tenha ingressado na Universidade pelo PAS e vindo de escola pública, infelizmente eu não consegui o Auxílio Socioeconômico e até mesmo as alimentações do Restaurante Universitários eram pagas. Sendo uma realidade em que me fez pensar que eu não tinha outra alternativa a não ser trabalhar. Conciliar a vida universitária e o trabalho não era algo tão simples, ainda mais depois de um dia exaustivo e pensar que ainda teria quase duas horas de transporte até finalmente chegar em casa. Com essas questões e somando as adversidades da vida, em meio a tantas disciplinas, as leituras já não eram tão efetivas, pois o cansaço físico se fazia presente, e mesmo que eu tivesse almejado e amasse está vivenciando aquele ambiente eu já não me via mais aproveitando ele como realmente deveria.

Diante disso, eu segui nessa mesma rotina por alguns semestres, até que soube do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e confesso que um dos meus grandes interesses neste programa era a bolsa, que me daria a possibilidade de ter maior qualidade de vida e abdicar do meu trabalho, que consumia para além do meu tempo. Por um momento achei que não seria possível participar daquele programa, pois naquele semestre eu estava com máximo de disciplinas e ainda trabalhava, tendo em vista como consequência da rotina que eu levava, eu não tinha o melhor Índice de Rendimento Acadêmico (IRA), que era um dos critérios de avaliação para ingresso no programa, dessa forma eu pensei que aquilo não seria para mim. Mas tive a imensa felicidade de ser aprovada e não pensei duas vezes em sair do meu trabalho e viver a vida acadêmica como realmente deveria.

Ouso dizer que foi após o PIBID que eu realmente consegui viver a Universidade. Passei a ter mais tempo que é algo extremamente valioso, conseguia fazer as leituras de formas mais efetivas o que fez total diferença nas aulas. Além disso, eu tive o privilégio de participar de diversos eventos e em especial o IX Encontro Nacional Das Licenciaturas (ENALIC), ocasião na qual eu produzi o meu primeiro artigo científico, algo totalmente novo, já que nunca havia tido sequer a oportunidade de conhecer sobre esse universo de produção científica. Inclusive, sempre notei que os alunos do noturno tinham menos acesso a esse tipo de vivência, além de não me recordar de professores desse período que divulgassem bolsas de PIBIC, que seria de suma importância para nos aproximar desse mundo de produção científica, mas felizmente eu conheci esse universo através do PIBID o que foi de grande riqueza para ampliar o meu horizonte.

Apesar disso, eu sentia falta de algo que fizesse os meus olhos brilharem, desde o início da graduação eu me identifiquei com a área da Educação Infantil, mas não tinham tantas possibilidades desse meio. Mesmo com o passar dos semestres e tendo conhecimento de outras áreas que a Pedagogia abrange, nada me despertava o interesse como a Primeira Infância. Foi então que só no meu sétimo semestre a disciplina: “Formas de Expressão de Crianças de 0 a 6 anos” se encaixou na minha grade horária e ali foi paixão na primeira aula. A disciplina foi ministrada pela Professora Doutora Sheyla Gomes de Almeida, que trouxe discussões e reflexões que me fizeram sentir que eu finalmente encontrei o que tanto almejava. E daquele momento em diante, eu busquei por encontrar uma temática para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Eu gostaria de falar sobre algo que fosse além de fazer sentido para mim, como também algo que tivesse significado e relevância não só para o meu mundo, mas para o meio

acadêmico, mesmo sem ter certeza dos meus propósitos de vida, sei que quero de alguma forma, por mais mínimo que seja, fazer a diferença na vida de alguém.

Então, no decorrer das aulas eu fui tendo mais conhecimento dessa área que me desperta tanto interesse, elas foram essenciais para que eu pudesse olhar para a Educação Infantil de uma outra forma, tendo um olhar mais sensível e atento para essa fase tão importante que infelizmente é tão menosprezada. Os textos, discussões e conversas em aula, tiveram grande peso sobre a forma na qual olhava até mesmo para a criança que tem dentro da minha casa. Passei a refletir sobre questões que fazem total diferença, pois geralmente médicos não são questionados independente do que dizem, mas professores na grande maioria das vezes tem as suas falas e argumentos subestimados.

Percebi que costumava normalizar situações inadequadas, inclusive momentos em que fui desrespeitada enquanto educadora e em que crianças eram silenciadas ou pouco acolhidas, sem que eu conseguisse me posicionar diante disso. Imagino que sem essas reflexões que tivemos em aula, eu seguiria aceitando situações descabidas. Notei que nas trocas de relatos que tivemos nas aulas, as crianças eram predominantemente reprimidas, tendo o seu direito de expressão principalmente da fala negligenciados. Com isso, eu refleti que até mesmo sobre os meus comportamentos, até mesmo na Universidade, eu passei por momentos em que eu sentia grande dificuldade em me expressar por meio da fala, mesmo sendo algo extremamente importante para todas as situações e relações que temos na vida.

Com base nisso, eu compreendi o quão é importante a oportunidade da expressão da fala, principalmente com as crianças, cujo a visão e a cultura dos adultos tendem a agir de forma a silenciá-las, as frases clássicas como: *“Você não tem que querer nada, só fazer.”*; *“Engole o choro”*; *“Fala baixo que eu não sou surda”*; *“Isso não é coisa de criança”* e entre várias outras frases que são tão reproduzidas que já se tornaram comuns, infelizmente mostram como as crianças são oprimidas em suas formas de expressão.

Situações como essas me fizeram pensar o quanto nós adultos, temos dificuldades em ter um olhar atento sobre as crianças, e com base em muita luta, é que nas últimas décadas tiveram os seus direitos reconhecidos, no entanto, ainda seguem sendo negligenciados. Se nós adultos não temos consciência das consequências que isso causa na vida dessas crianças eu me pergunto: Quem olha para essas crianças? Quem vai quebrar as barreiras culturais de algo que é tão enraizado? Quem deve lutar pelo direito delas? Quem vai garantir que elas sejam ouvidas e acolhidas?

São perguntas que me intrigam e que eu anseio por respostas, mas espero que mesmo que seja um trabalho de formiguinha, que essas mudanças possam continuar se movimentando e que um dia nós possamos ter um olhar mais atento, respeitoso e afetuoso para nossas crianças, especialmente no ambiente educativo, afinal, se não formos nós educadoras(es) para fazer essa diferença, quem será?

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo compreender como a Pedagogia Waldorf pode potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil, a partir de uma pesquisa realizada em uma escola pública inspirada nessa abordagem pedagógica, localizada no Distrito Federal. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por meio de coleta de dados com aplicação de questionário estruturado, composto por questões abertas e de múltiplas escolhas, direcionado as educadoras da Educação Infantil da instituição pesquisada e fundamentada em estudo bibliográfico e documental. A análise dos dados foi organizada em três eixos: rotina e planejamento, escuta atenta e acolhimento da fala, e formação continuada. Os resultados a partir do olhar das educadoras evidenciam que práticas pedagógicas inspiradas na Pedagogia Waldorf, como a valorização do brincar livre, das rodas de conversa e da organização intencional dos tempos e espaços, favorecem a expressão espontânea da fala das crianças. Verificou-se, ainda, que a escuta sensível e o acolhimento das falas infantis contribuem para o fortalecimento da autoconfiança, da socialização e da organização da linguagem oral das crianças. Entretanto, foram identificados desafios relacionados ao cotidiano que inviabilizam uma práxis voltada à escuta sensível das crianças. Conclui-se que a Pedagogia Waldorf apresenta contribuições significativas para a promoção do protagonismo infantil e da expressão da fala na Educação Infantil no âmbito da escola pública, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de fortalecimento da formação continuada e de condições de trabalho adequadas, visando à qualificação das práticas pedagógicas e ao efetivo reconhecimento da criança como sujeito de direitos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Expressão da fala; Pedagogia Waldorf; Escola pública

ABSTRACT

The objective of this Course Completion Work is to understand how Waldorf Education can enhance the expression of children's speech in Early Childhood Education, based on research conducted in a public school inspired by this pedagogical approach, located in the Federal District. The research is characterized as qualitative, through data collection with the application of a structured questionnaire, composed of open and multiple-choice questions, directed at the Early Childhood Education teachers of the researched institution and based on bibliographic and documentary study. The data analysis was organized into three axes: routine and planning, attentive listening and reception of speech, and continuing education. The results, from the perspective of the educators, show that pedagogical practices inspired by Waldorf Education, such as valuing free play, conversation circles, and the intentional organization of time and space, favor the spontaneous expression of children's speech. It was also verified that sensitive listening and the reception of children's speech contribute to strengthening children's self-confidence, socialization, and the organization of their oral language. However, challenges related to daily life were identified that prevent a praxis focused on sensitive listening to children. It is concluded that Waldorf Education presents significant contributions to promoting children's protagonism and the expression of speech in Early Childhood Education within the scope of the public school, while also highlighting the need to strengthen continuing education and adequate working conditions, aiming at the qualification of pedagogical practices and the effective recognition of the child as a subject of rights.

Keywords: Keywords: Early Childhood Education; Speech expression; Waldorf Education; Public school

LISTA DE QUADRO

Quadro I - Resumo das perguntas do questionário	19
--	----

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico I - Percepção das educadoras	32
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
MATERIAIS E MÉTODOS	20
REVISÃO DE LITERATURA, RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
Contextualização sobre a Pedagogia Waldorf	24
Contextualização da escola	24
Rotina e planejamento	27
Escuta atenta e acolhimento da fala	31
Formação continuada	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

Durante o meu 4º semestre de graduação no ano de 2023, realizei o meu Estágio Supervisionado I: Educação Infantil, em uma instituição pública localizada na Asa Sul do Plano Piloto de Brasília-DF. Embora já tivesse tido contato com a Educação Infantil durante os estágios remunerados, essa era minha primeira experiência na Rede Pública. Inicialmente, eu estava encantada principalmente com a estrutura proporcionada para as crianças, pois é uma escola modelo, adequada para a faixa etária que atende.

Entretanto, mesmo que as propostas pedagógicas da instituição fossem interessantes, foi notado muitas práticas de ensino escolarizada, sendo observado uma ênfase na produção de materiais para exposição e não dando foco para o processo dessas atividades e muito menos das crianças que deveriam ser as verdadeiras protagonistas dos processos de criação. Além disso, durante esse período, pude notar situações que me inquietavam bastante, pois a educadora, infelizmente, possuía uma postura bastante autoritária e rígida, parecendo estar em busca de manter as crianças em um molde padronizado, seguindo sempre regras de comportamento e posturas.

Conseqüentemente, as crianças tinham um espaço extremamente limitado para se expressarem por qualquer meio que fosse; as atividades eram quase sempre pré-definidas e conduzidas e o momento em que tinham a oportunidade de serem mais livres em suas ações, expressões e brincadeiras era apenas nos momentos dos parques. Logo, essas situações limitam de forma significativa a maneira com que as crianças se expressavam. Para Silva (2020),

Em meio às práticas pedagógicas, é essencial a possibilidade de expressão em suas diferentes linguagens. Entretanto, muitas das regras do ambiente educativo tratam de reprimi-las, seja de forma explícita ou implícita, entre elas estão “ser comportado”, “não gritar” e até mesmo “não chorar” (Silva, 2020, p.18).

Durante a graduação eu sentia a ausência de disciplinas ou projetos que me aproximasse do âmbito da educação infantil. Então, quando surgiu a oportunidade de participar da disciplina: Formas de Expressão de Crianças de 0-6 anos, enxerguei a oportunidade de me aproximar dessa área que tanto me chama atenção. Apesar de ter perpassado por disciplinas de teor obrigatório relacionadas à educação infantil, foi ali que encontrei uma proposta que efetivamente condizia com os valores no qual eu acredito.

Os estudos, leituras e debates durante as aulas foram cruciais para que eu pudesse compreender a importância de se ter um olhar com sensibilidade para cada criança, valorizando e respeitando as suas singularidades, gestos e formas de expressão. Além de compreender que a escuta atenta e o diálogo são fundamentais para promover o protagonismo infantil e fortalecer vínculos afetivos.

No início de 2025, fiz o meu Estágio Supervisionado III em Gestão Escolar, em uma instituição pública de Educação Infantil inspirada na Pedagogia Waldorf, que foi responsável por uma enorme quebra de paradigmas no meu olhar sobre a Educação Infantil, pois, mesmo após o ingresso na universidade, o que eu mais me deparava nas escolas era com práticas pedagógicas tradicionais e uma educação infantil escolarizada¹. Esse estágio me mostrou uma visão completamente diferente da educação e principalmente no âmbito da educação infantil, por se tratar de uma instituição cujo a suas práticas pedagógicas garantem efetivamente os direitos das crianças que são estabelecidos por lei, além de pensar em uma educação que busca valorizar o ser humano em sua integralidade.

Recordando a experiência que tive durante o meu Estágio Supervisionado I em Educação Infantil, onde o espaço de fala e o protagonismo eram limitados por uma postura autoritária, nesse último estágio, vivenciei outra realidade que me instigou a investigar como essa pedagogia proporciona um espaço em que as crianças possam de fato se expressar, além de potencializar as diversas formas de expressão das crianças.

Portanto, a partir dessas vivências, formula-se a seguinte **questão** que orienta esta pesquisa: como a Pedagogia Waldorf pode potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil? Nesse sentido, o **objetivo geral** consiste em compreender como a Pedagogia Waldorf pode potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil. Como **objetivos específicos**, busca-se investigar como os princípios da Pedagogia Waldorf proporcionam a expressão da fala das crianças na Educação Infantil e analisar com base nos dados coletados, como as educadoras promovem a expressão da fala das crianças na Educação Infantil por meio da Pedagogia Waldorf.

O presente trabalho está organizado em seções que se complementam, inicialmente a Introdução, na qual são apresentados o contexto, a problematização e os objetivos da

¹ Entende-se por *educação infantil escolarizada* aquela que, ao ser organizada segundo lógicas de controle, padronização e transmissão de conteúdos, aproxima-se de práticas típicas da educação bancária, conforme denunciado por Paulo Freire. Nessa perspectiva, mesmo na Educação Infantil, a criança pode ser tratada como sujeito passivo, tendo seu corpo, sua fala e suas experiências cotidianas silenciadas ou reguladas por práticas pedagógicas autoritárias, o que configura uma negação de sua condição de sujeito histórico e de sua corporeidade, tal como discutido no texto *Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora* (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016).

pesquisa. A seguir os Materiais e Métodos, explicitando a abordagem metodológica qualitativa e os procedimentos de coleta dos dados e a pesquisa dos referencias bibliográficos. Em seguida, apresenta-se a revisão de literatura e as análises e reflexões em torno dos dados coletados, organizados nos seguintes eixos temáticos: rotina e planejamento, escuta atenta e acolhimento da fala e formação continuada. Por fim, as Considerações Finais retomam os principais achados do estudo, seguidas das Referências e Apêndices utilizados.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa por meio de pesquisa de referencial bibliográfico e coleta de dados com aplicação de questionário estruturado. A escolha pela abordagem qualitativa fundamenta-se no entendimento de que esse tipo de pesquisa “deriva de uma investigação, de uma situação problema social e histórico, na coleta e análise de dados reais e concretos, não estabelecendo uma pesquisa rígida” (SILVA; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 93), permitindo constantes revisões e aprofundamentos ao longo do processo investigativo. Já o questionário estruturado foi escolhido como instrumento de coleta de dados por permitir o acesso às percepções, práticas e experiências das educadoras, aspecto coerente com a perspectiva qualitativa, que “trabalha com o universo humano, suas questões e implicações”, considerando pensamentos, ações, relações e subjetividades dos sujeitos envolvidos no contexto pesquisado (Ibid, p. 94).

Para a busca do referencial bibliográfico, realizou-se a seleção e definição das fontes bibliográficas, considerando a confluência com o tema e a relevância do conteúdo. Para tanto, foram realizadas buscas na plataforma do Google Acadêmico, utilizando-se os seguintes descritores: “expressão da fala na pedagogia Waldorf”, “educação infantil na pedagogia Waldorf” e “pedagogia Waldorf”. Os resultados indicam que poucos textos abordam especificamente o desenvolvimento da expressão da fala na Pedagogia Waldorf, enquanto a maioria das produções acadêmicas foca em aspectos mais amplos, como o histórico da abordagem, seus fundamentos e as práticas gerais de organização da Educação Infantil. Além disso, foram utilizadas informações disponibilizadas pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil.

Durante o processo de análise dos dados, também se fez necessária a busca por outros textos e documentos legais que apresentassem confluência com os aspectos discutidos ao longo das análises. Conforme apontam Silva, Oliveira e Silva (2021), “O pesquisador, apoiado numa fundamentação geral e inicial faz constantes revisões e aprofundamentos apoiando-se em literaturas anteriores para que a partir daí oportunizar o surgimento de novas teorias sempre permeado pela investigação, indagação, perguntas e dúvidas.” (Ibid, p. 93).

A pesquisa teve como meio de coleta de dados o questionário, que foi estruturado na plataforma *Google Forms* e composto por 35 perguntas, sendo elas abertas e de múltipla escolha, as quais poderiam ser respondidas com uma única opção ou com múltiplas alternativas. Inicialmente, o questionário apresentou orientações direcionadas às educadoras

participantes da pesquisa, esclarecendo os objetivos do estudo, sem exigir identificação pessoal ou coleta de *e-mail*, garantindo a confidencialidade das respostas e sua utilização exclusiva para fins acadêmicos. O instrumento de pesquisa foi construído com o intuito de compreender como as educadoras desenvolvem sua práxis pedagógica junto às crianças na Educação Infantil, com foco em como é oportunizada a expressão da fala das crianças e como se dá a escuta e preparação da educadora.

Em seguida, o questionário foi encaminhado à coordenadora da Educação Infantil da instituição pública inspirada na Pedagogia Waldorf e disponibilizado para às educadoras por meio do aplicativo *WhatsApp*, assegurando a preservação do anonimato das participantes. Importante informar que, a adesão para responder o questionário foi livre, portanto, não foi colocada nenhuma condição ou obrigatoriedade para aderir à pesquisa. Foi dado um prazo de um mês e 15 dias para responder ao questionário, ao final deste prazo nove educadoras responderam ao questionário. A instituição, na época de aplicação do questionário, era composta por 14 educadoras na educação infantil, mas apenas nove responderam ao questionário.

Das educadoras que responderam ao questionário, três são efetivas e as seis restantes possuem contrato temporário². Em relação ao tempo de atuação na rede pública de educação, três educadoras atuam há mais de seis anos, três entre quatro e seis anos e as outras três entre um e três anos. No contexto da Educação Infantil, quatro educadoras possuem entre quatro e seis anos de experiência, três entre um e três anos e uma atua há menos de um ano. Quanto ao tempo de atuação na instituição em que a pesquisa foi realizada, duas educadoras relataram atuar há cerca de quatro a seis anos, quatro entre um e três anos e três há menos de um ano. No que se refere ao conhecimento prévio da Pedagogia Waldorf antes de atuar na instituição, apenas uma educadora afirmou já conhecê-la, em razão de uma de suas filhas ter estudado em uma instituição particular Waldorf no período de 2002 a 2019.

A análise dos dados obtidos foi organizada em três seções: Seção I (Rotina e planejamento), Seção II (Escuta atenta e acolhimento da fala) e Seção III (Formação continuada), tanto por análises escrita e com uma demonstração gráficas, em seguida, foram analisadas em articulação com os referenciais teóricos escolhidos para fundamentar esta pesquisa.

² A contratação temporária de professores substitutos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) é uma forma de garantir que não falem profissionais nas escolas em situações emergenciais, como afastamentos, licenças. Esse processo é realizado por meio de seleções públicas simplificadas, nas quais os candidatos aprovados são convocados conforme a necessidade da rede. Disponível em: [Contrato temporário](#)

O quadro a seguir apresenta a organização das questões que compuseram o questionário aplicado às educadoras, distribuídas em seções temáticas que explicitam os aspectos investigados relacionados à rotina, à escuta atenta e ao acolhimento da fala, bem como à formação continuada, servindo de base para a análise dos dados ao longo do trabalho. Ressalta-se que a íntegra das perguntas se encontra nos apêndices e que, para fins analíticos, não foi necessariamente seguida a ordem original do questionário.

Quadro I - Resumo* das perguntas do questionário.

Seção I - Rotina e Planejamento	6. Em quais momentos da rotina você observa maior espontaneidade na fala das crianças?
	7. Dentro dos planejamentos da rotina, são previstas atividades e/ou momentos com a intencionalidade de oportunizar a fala das crianças?
	7.1. Se sim, quais?
	7.2. Quais resultados e/ou dimensões de desenvolvimento são gerados e percebidos junto às crianças a partir dessas atividades?
	10. Entre as atividades e brincadeiras da rotina, em quais você percebe que mais estimulam a fala espontânea das crianças?
	12. As falas das crianças influenciam o planejamento pedagógico da sua turma?
	13. As crianças participam de alguma forma do planejamento das atividades ou organização dos espaços em sala?
	13.1. Se sim, em quais e de que forma?
	14. As ideias das crianças são levadas em consideração nas decisões cotidianas da rotina escolar?
	14.1. Se sim, conte um exemplo
16. Como você reage quando as crianças propõem novas formas de fazer algo ou querem modificar uma atividade planejada?	
	8. No cotidiano, é possível ter tempo para escutar atentamente as crianças?
	9. Você costuma registrar as falas das crianças?
	9.1. Se sim, com que frequência?
	9.2. Como costuma fazer esse registro?
	11. Como você escuta e estimula a fala de crianças com dificuldades de comunicação (seja por timidez ou outras razões)?
	18. Na sua turma há crianças indígenas ou de outras culturas e nacionalidades?
18.1. Se sim, como suas falas e expressões são acolhidas?	

Seção II - Escuta atenta e acolhimento da fala	19. Como você avalia sua própria escuta em relação às crianças?
	20. Como você se sente ao mediar conflitos entre crianças em que há forte expressão de sentimentos ou falas?
	21. Quando uma criança expressa uma atitude, emoção e/ou sentimento delicado (como tristeza, medo, raiva, etc.), como você costuma agir?
	22. O que você considera mais desafiador na sua escuta das crianças?
	25. Em momentos de escuta ativa das crianças, você sente...
Seção III - Formação Continuada	17. A escola oferece momentos de formação para discutir práticas de escuta e protagonismo infantil?
	17.1. Se sim, como você avalia essas formações?
	23. Você se sente à vontade para expressar sua escuta, ideias e observações sobre as crianças com outras colegas?
	24. A escola adota entre o seu corpo docente a troca de experiências sobre o cotidiano, expressões e desenvolvimento das crianças?
	24.1. Se sim, A troca de experiências do cotidiano com as crianças, entre as educadoras, contribui para qual aspecto da prática?
	26. Você considera que a formação inicial em pedagogia te preparou para práticas de escuta e acolhimento infantil?

Fonte: Elaborado pela autora

*A íntegra das perguntas apresentadas neste quadro se encontra nos apêndices ao final do trabalho.

**Para realizar a análise não se seguiu a ordem descrita no questionário.

As análises foram feitas aliando os dados coletados, as concepções dos autores em torno da importância da expressão da fala das crianças na Educação Infantil e de como práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf podem potencializá-la, associada a algumas observações vivenciadas no estágio, como demonstra as análises a seguir.

REVISÃO DE LITERATURA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Contextualização sobre a Pedagogia Waldorf

A Pedagogia Waldorf constitui-se como uma abordagem educacional criada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner, na cidade de Stuttgart, na Alemanha, tendo surgido, inicialmente, com o objetivo de atender aos filhos dos trabalhadores da fábrica de cigarros Waldorf Astória, a partir de uma demanda apresentada pelos próprios operários. Essa pedagogia configura-se como a materialização dos princípios da Antroposofia no campo educacional. Nessa perspectiva, a Antroposofia compreende o ser humano a partir do conceito da trimembração, ou constituição trimembrada, no qual o indivíduo é formado pelas dimensões do corpo físico, da alma e do espírito, às quais se vinculam, respectivamente, as faculdades do fazer, do sentir e do pensar. (ANJOS, 2023, p. 9-10)

Segundo o panorama brasileiro disponibilizado pela Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), observa-se que a Pedagogia Waldorf vem se consolidando no cenário educacional brasileiro por meio do aumento de escolas e iniciativas pedagógicas inspiradas em seus princípios, tendo cerca de 17.206 alunos em todo o Brasil e com um percentual de 70% nos jardins waldorf.

Contextualização da escola

De acordo com o Instituto Ruth Salles³, a proposta de criação de uma Escola Waldorf na rede pública do Distrito Federal, surgiu em 2012 por meio de um movimento organizado por professoras dessa rede, que haviam feito o Curso de Formação em Pedagogia Waldorf promovido pela Federação de Escolas Waldorf do Brasil, com o propósito de levar a Pedagogia Waldorf para a rede pública do Distrito Federal, pois as professoras gostariam que os benefícios dessa pedagogia não ficassem restritos apenas às elites.

A princípio, esse grupo de professoras elaborou um Projeto Piloto, com a ideia de criar uma escola de Educação Infantil baseada na Pedagogia Waldorf. O projeto foi apresentado para diversas autoridades e instâncias, incluindo o Secretário de Educação da época, a

³ O Instituto Ruth Salles é o nome fantasia da Salles Educação e Cultura Ltda, empresa criada em 1998. Atua durante quase vinte anos prestando assessoria a empresas, organizações sociais e governos no planejamento e avaliação de projetos culturais, educacionais e sociais. Além de fomentar a criação de novas escolas associativas livres baseadas na Pedagogia Waldorf, especialmente na rede pública, através de divulgação da pedagogia e assessoria às organizações e governos. Disponível em: <https://institutoruthsalles.com.br>

Diretoria de Educação Infantil, diversos departamentos da Secretaria de Educação, e até mesmo senadores, deputados distritais e federais, buscando apoio para viabilizar o projeto.

Entretanto, houve diversas questões que as impediram de conseguir que esse projeto tivesse êxito, pois se depararam com a falta de recursos financeiros, a rotatividade de gestões governamentais, a complexidade na alocação dos professores com o Curso de Formação em Pedagogia Waldorf em uma mesma instituição, além de enfrentarem conflitos institucional e pedagógico, devido à má interpretação do que se trata a Pedagogia Waldorf.

Diante desses desafios, as educadoras decidiram atuar em uma mesma instituição, visando aplicar e desenvolver práticas pedagógicas inspiradas na pedagogia Waldorf, buscando envolver a comunidade escolar para democraticamente definir o Projeto Político Pedagógico da escola com base nos princípios dessa pedagogia.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico⁴ de 2025, a instituição foi inaugurada em 1984, a unidade escolar localizada na Asa Norte, bairro de Brasília, no Distrito Federal, parte integrante do Plano Piloto, e inicialmente sendo uma Escola Classe que atendia aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No ano de 2013 passou a ofertar os anos finais do Ensino Fundamental e a Classe Distorção Idade Série (CDIS)⁵, já em 2017 a escola começa a funcionar como Centro de Educação Infantil (CEI), atendendo à demanda de localidades como o Varjão, Paranoá, Paranoá Parque e Itapoã. A partir desse ano a Pedagogia Waldorf teve suas primeiras influências e conceitos incorporados ao ambiente escolar. Isso ocorreu mediante a influência de famílias que traziam a experiência de escolas Waldorf e a adesão de profissionais da equipe que participaram de um curso introdutório na área, oferecido pela Escola de Aperfeiçoamento da Secretaria de Educação (EAPE).

Em 2018 o grupo de professoras ligadas ao movimento vieram trabalhar nessa instituição. Esse mesmo grupo de educadoras já atuava na EAPE desde 2016 com a formação sobre Introdução à Pedagogia Waldorf, destinado aos professores e profissionais da Secretaria de Estado do Distrito Federal (SEEDF). A prática docente inspirada nessa pedagogia e alinhada ao Currículo em Movimento obteve grande aceitação entre as famílias e as crianças, atraindo o interesse de novos pais, profissionais e do público em busca de uma educação mais humanizada. Diante disso, a unidade escolar teve um crescimento significativo de famílias que demonstraram interesse no trabalho que estava sendo desenvolvido na instituição.

⁴ Por questões éticas e de sigilo, não houve a referência do Projeto Político-Pedagógico da instituição.

⁵ São alunos que têm dois ou mais anos de atraso escolar. São principalmente adolescentes que, em algum momento, foram reprovados ou evadiram e retornaram à escola em uma série não correspondente à sua idade. Disponível em: [Panorama da distorção idade-série no Brasil](#).

Já no final do ano de 2019 a gestão eleita adotou oficialmente um Projeto Político Pedagógico com inspiração na Pedagogia Waldorf, em consonância com o Currículo em Movimento da SEEDF. Em janeiro de 2021 com a implantação do ciclo BIA (Bloco Inicial de Alfabetização do Ensino Fundamental), a escola deixa de ser um Centro de Educação Infantil (CEI) e se torna uma Escola Classe.

Nos anos seguintes, a instituição vivenciou um engajamento comunitário crescente, resultando na implementação e fortalecimento de diversos projetos, como Arte e Manualidades e Música e Movimento. A escola também obteve reconhecimento externo, como o 1º Prêmio Paulo Freire e a citação no livro "Pedagogia Waldorf 100 anos +", e expandiu suas parcerias com a Universidade de Brasília (UnB) e a Secretaria de Saúde do DF para cursos de extensão e a criação de um horto agroflorestal medicinal biodinâmico. Apesar dos avanços significativos, a escola enfrentou o desafio da não autorização para a oferta do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental em 2025, uma demanda da comunidade por uma educação contínua até o final do primeiro ciclo da Educação Básica

Atualmente, a instituição atende cerca de 277 crianças, distribuídas em 20 turmas, sendo 183 da Educação Infantil e 94 nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A equipe é formada por 31 professoras, sendo 11 com contrato temporário e 20 professoras efetivas da SEEDF, uma orientadora escolar e uma pedagoga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA). Tendo três professoras atuando na gestão, duas na coordenação e três professoras são readaptadas e uma atua na sala de leitura. Além de duas monitoras, uma supervisora administrativa e um secretário. O espaço compreende 10 salas de aula, dois pátios internos para refeitório e eventos, e banheiros, embora os infantis precisem de adaptação para acessibilidade. Externamente, a escola oferece um parque de hiperadobe, um parque da casinha com tanque de areia e um horto agroflorestal medicinal biodinâmico, promovendo a conexão com a natureza e a sustentabilidade.

Como já indicado, as vivências da autora desse artigo, durante seus estágios no período de graduação e especialmente nessa escola no âmbito da Educação Infantil, é que mobilizaram essa pesquisa e que objetivou compreender como a Pedagogia Waldorf pode potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil. Para tanto, as análises a seguir, são resultado dos dados obtidos por meio de questionários respondidos por nove educadoras dessa escola, cujas identidades serão preservadas, garantindo-se o anonimato das participantes, refletidas em articulação com o referencial teórico identificado sobre o tema, as

quais, estão organizadas em três seções: na primeira trata sobre a “rotina e planejamento”, a segunda “escuta atenta e acolhimento da fala” e a terceira “formação continuada”.

Rotina e planejamento

De acordo com o documento “BNCC e Pedagogia Waldorf – A Etapa da Educação Infantil”, disponível no site da Federação de Escolas Waldorf no Brasil, nessa pedagogia a organização do cotidiano das crianças tem como princípio o ritmo, que funciona como a “respiração do cotidiano”. Baseando-se na alternância entre momentos de contração (inspiração), como o lanche, a roda rítmica e a narrativa de contos, e momentos de expansão (expiração), como o brincar livre.

Nesse sentido, cada mês pode ser marcado por um tema, denominado “época”, que orienta as atividades e os fazeres nos quais as educadoras e as crianças se envolvem. O início de uma nova época é preparado gradualmente, por meio da organização do ambiente, da introdução de novos elementos, do canto de época, da roda rítmica e das histórias, que, juntos, vão compondo esse período. Além disso, a época pode ter uma festa, considerada o ponto mais alto do processo, que, ritmicamente, se transforma e se dissolve aos poucos, dando lugar ao tema do período seguinte. O ritmo manifesta-se ainda de forma espacial, entre vivências dentro e fora da sala, e de forma temporal, por meio da organização das atividades nos ritmos diário, mensal e anual.

Assim, o ritmo “constitui-se de transição, pausa e repetição, traz a harmonização e a continuidade, liga tempo e espaço, organiza o trabalho pedagógico e atua na constituição e no comportamento da criança trazendo segurança e confiança” (FEWB, 2020, p. 19). Essa compreensão também é reforçada por Gimael e Aguiar ao afirmarem que:

O ritmo é uma lei universal e significa, entre outras coisas, alternância, repetição e continuidade. [...] Quando as coisas se mantêm num ritmo, elas se fortalecem, se expandem, se aprofundam. O ritmo é a garantia de que algo terá continuidade, poderá se desenvolver no tempo e virá a se desenvolver plenamente” (Gimael e Aguiar, 2022, p. 59).

Para a elaboração dos questionários, apresentado na íntegra no apêndice deste artigo, inicialmente, o grupo de perguntas teve como foco a rotina e o planejamento das educadoras dessa instituição de educação infantil inspirada na Pedagogia Waldorf, sendo composto por 11 perguntas, as quais foram sistematizadas e analisadas a seguir.

Nesse contexto, a primeira questão buscou identificar “Em quais momentos da rotina a educadora observa maior espontaneidade na fala das crianças?”, com a possibilidade de

múltiplas escolhas, as opções indicadas com as respectivas indicações foram: seis respostas para rodas de conversa; oito para as atividades livres ou de brincar e quatro na hora da alimentação.

Desse modo, esses dados evidenciam que os momentos em que as crianças se encontram em atividades livres ou de brincar e nas rodas de conversas, há uma predominância na expressão da fala espontânea. Esses resultados ressaltam a importância de espaços que oportunizem momentos livres e com intencionalidade de buscar a expressão da fala das crianças. Nessa perspectiva, a Pedagogia Waldorf destaca as brincadeiras livres como espaços que favorecem a imaginação, a interação e a expressão espontânea da fala, sendo a intencionalidade pedagógica expressa na organização de tempos, espaços e materiais que potencializam essas vivências.

Assim, a educação infantil Waldorf prioriza o movimento, a experiência corporal que faz uso da motricidade, como também o movimento da imaginação, da fantasia da criança, pois compreende que o movimento será a base para não apenas o seu desenvolvimento físico e motor, mas também para o seu desenvolvimento emocional, neurológico e até mesmo cognitivo, [...] (ANJOS, 2023, p.11).

A fim de compreender se “nos planejamentos da rotina, são previstas atividades e/ou momentos com a intencionalidade de oportunizar a fala das crianças”, constatou-se, a partir das respostas das educadoras, que tais intencionalidades estão presentes no planejamento, sendo as rodas de conversa apontadas como o momento mais recorrente. Segundo Souza e Pereira (2024, p. 215) embora as rodas de conversa façam parte da rotina da maioria das instituições de Educação Infantil, elas não devem se limitar a uma prática realizada apenas por obrigação. Torna-se necessário que os adultos, especialmente os educadores, compreendam esse momento como um espaço de fala, escuta e acolhimento das crianças (SOUZA; PEREIRA, 2024, p. 215).

A partir disso, tornou-se relevante analisar “quais resultados e/ou dimensões do desenvolvimento são gerados e percebidos junto às crianças a partir dessas práticas”. Com base nas respostas obtidas, foi possível identificar o desenvolvimento da autoconfiança e da expressão por meio da fala, bem como uma melhor percepção e organização da linguagem oral. Além disso, as educadoras apontaram esses momentos como espaços de socialização e de escuta atenta da fala dos colegas - entre as crianças -. Portanto, evidencia-se a importância de que esses momentos de roda de conversa sejam garantidos às crianças, de modo a oportunizar espaços significativos não só para a expressão da fala, mas também para o desenvolvimento delas em suas múltiplas dimensões. Sendo importante ressaltar o papel do

educador na mediação desses momentos, visando à promoção de um espaço que seja acolhedor. Nesse sentido, Souza e Pereira (2024) afirmam que:

[...] as rodas de conversa são uma prática essencial para o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil, pois promovem um ambiente democrático e inclusivo, onde cada criança tem sua voz valorizada. A prática permite que as crianças exercitem a comunicação, desenvolvam habilidades socioemocionais e se tornem conscientes de suas próprias opiniões e das dos outros. Destaca-se, ainda, que o papel do educador como mediador e incentivador é fundamental para o sucesso das rodas de conversa, garantindo que este ambiente seja realmente acolhedor e formativo. (Souza; Pereira, 2024, p. 227).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), às práticas pedagógicas da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, além de garantir experiências que possibilitem à criança construir o conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo, por meio de vivências sensoriais, expressivas e corporais, que incentivem o movimento livre, a expressão de sua singularidade e o respeito aos seus ritmos e desejos.

Sob essa perspectiva, com a intenção de investigar “entre as brincadeiras e as atividades da rotina, em quais momentos as educadoras mais percebem a estimulação da fala espontânea das crianças”, os resultados apontaram que essa estimulação ocorre predominantemente durante as brincadeiras livres. Tal constatação contribuiu para evidenciar a importância do momento do brincar livre como um espaço privilegiado para a expressão da fala infantil. Nesse sentido, o que se prevê na perspectiva da Pedagogia Waldorf, se conflui com os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento previstos na Base Nacional Comum Curricular, compreendidos como: brincar, conviver, explorar, participar, expressar e conhecer-se, sobretudo, no livre brincar. Essa concepção pode ser melhor compreendida a partir da seguinte definição:

Livre brincar: é assegurado à criança, quando imersa no ambiente de trabalho consequente, tempo e espaço para que possa brincar de maneira não dirigida, e assim elaborar, explorar, expressar, conhecer, participar e conviver. No brincar livre a criança se depara com problemas que exigem que ela se ative na busca de soluções próprias, adquirindo autonomia e conhecimento empírico. (FEWB, 2020, p. 5).

Em continuidade à análise, buscou-se compreender a influência das crianças no planejamento pedagógico das educadoras. Nesse sentido, foi perguntado “se as falas das crianças influenciam no planejamento pedagógico da sua turma”, sendo indicado “sim” por

oito educadoras, havendo apenas uma em discordância. A partir desse resultado, foi verificado “se as crianças participam de alguma forma do planejamento das atividades ou organização dos espaços em sala”, sendo indicado por todas as educadoras que “sim”.

Na sequência, com o intuito de analisar em quais momentos e de que forma essa participação ocorre, os resultados apontam que as educadoras consideram que são principalmente, nos momentos de organização da sala, com a contribuição das crianças na limpeza e guardando os brinquedos. Além disso, destacam-se a participação na montagem da mesa da época e a mesa da natureza.

Dessa forma, a fim de compreender “se as ideias das crianças são levadas em consideração nas decisões cotidianas da rotina escolar”, foi afirmado pelas educadoras que “sim”. Diante desse cenário, buscou-se investigar exemplos dessas decisões. Os dados evidenciam tendências relacionadas às escolhas do cotidiano, como a seleção de músicas e dos materiais a serem utilizados, sendo a massinha um recurso bastante citado. Essas adequações ocorrem, sobretudo, a partir do olhar atento das educadoras, que percebem sinais de cansaço nas crianças ou a necessidade de momentos mais tranquilos na rotina.

Além disso, foi mencionado o projeto “Caminhando pela cidade”, no qual as crianças sugerem os locais a serem visitados, como também a participação delas, por meio da avaliação institucional, na sugestão e implementação do plantio de árvores frutíferas. Tais exemplos vão ao encontro do que apontam Barbosa e Horn, que tratam sobre a importância do olhar e da leitura atenta das educadoras:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Diante desses resultados, a questão seguinte buscou compreender “como as educadoras reagem quando as crianças propõem novas formas de fazer algo ou querem modificar uma atividade planejada”. As respostas obtidas revelam que, em sua maioria, as educadoras demonstram acolher e escutar atentamente as sugestões das crianças, avaliando, contudo, a viabilidade de incorporá-las à rotina. Indica-se, ainda, a presença de diálogo entre educadoras e crianças, com vistas à construção de consensos e à melhor adequação do

planejamento. As sugestões infantis também são compreendidas como oportunidades de reavaliar as práticas pedagógicas, o que dialoga com princípios da Pedagogia Waldorf. Conforme Bezerra e Schmidt apontam, “[...] as estratégias pedagógicas da Pedagogia Waldorf para promover a autonomia incluem o uso de um currículo flexível, que se adapta às necessidades e interesses dos alunos” (Bezerra, Schmidt, 2025 p.7).

Entretanto, a leitura desses dados permite refletir que, embora as educadoras reconheçam a influência das falas infantis no planejamento pedagógico e promovam espaços de escuta e acolhimento, ainda se restringe a ações práticas do cotidiano, o que evidencia limites quanto à inserção das crianças nos processos decisórios pedagógicos. Desse modo, a escuta das crianças mostra-se, em muitos casos, mediada pelo olhar do adulto, o que mantém o poder decisório concentrado nas educadoras, evidenciando um desafio ainda presente na efetiva participação infantil na Educação Infantil.

De acordo com Bezerra e Schmidt (2025), é muito importante que a Pedagogia Waldorf não se limite a uma educação voltada apenas para a transmissão de conhecimentos, mas que busque capacitar as crianças a se tornarem protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Para isso, é necessário que as crianças tenham espaços para fazer escolhas, expressar ideias, experimentar, errar e aprender a partir dessas vivências. Ao proporcionar a autonomia desde a infância, contribui-se para a formação de indivíduos resilientes, criativos e colaborativos, sendo essencial uma educação que valoriza o protagonismo infantil não beneficia apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo.

Escuta atenta e acolhimento da fala

Ao buscar potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil, compreende-se que a escuta atenta e o acolhimento das falas tornam-se primordiais, pois, em ambientes nos quais a fala infantil é efetivamente ouvida e acolhida, observa-se maior abertura e segurança para que essa expressão ocorra. Historicamente, as crianças passaram por longos períodos de negligência, tendo seus direitos desconsiderados; contudo, com o passar do tempo, passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos. Conforme apontado por Santos (2022 p. 67) apesar desse reconhecimento e do amparo legal conquistado, é comum que, em muitos contextos, tais direitos sejam abordados de forma superficial, ainda pautados em uma perspectiva adultocêntrica, o que evidencia que há um longo caminho a ser

percorrido para o avanço das Políticas de Educação Infantil, especialmente no que se refere à promoção do direito da criança à participação e ao respeito à sua escuta.

A partir disso, foram selecionadas sete perguntas com o objetivo de compreender como ocorre a escuta das educadoras e como se dá o acolhimento das falas das crianças. Inicialmente, foi perguntado às educadoras “se no cotidiano, é possível ter tempo para escutar atentamente as crianças”. Os resultados indicaram que sete educadoras consideraram que isso ocorre “na maioria das vezes”, uma apontou “às vezes” e apenas uma afirmou ser “sempre”. Com base nesse resultado, a questão seguinte teve como objetivo investigar “como as educadoras avaliam a sua própria escuta em relação às crianças”, apenas duas educadoras reconheceram que sua escuta é “muito atenta”, enquanto as sete restantes indicaram ser “boa, mas pode melhorar”.

Tais resultados refletem uma atenção, cuidado e olhar reflexivo, em torno da própria atuação dessas educadoras que demonstram se preocupar em realizar uma escuta sensível junto às crianças. Conforme afirmam Wilmsen, Maciel e Ramos (2022, p. 306), “O professor que é ouvinte percebe cenas potentes de aprendizagem, garantindo-lhe a apropriação da sua fala, valorizando e despertando suas necessidades e desejos no contexto infantil”.

A fim de compreender como as educadoras costumam agir quando uma criança expressa atitudes, emoções e sentimentos considerados delicados, como tristeza, medo e raiva, indicou-se um resultado unânime, em que todas as educadoras “escutam e acolhem a fala”. Na sequência, com o intuito de analisar o que as educadoras consideram mais desafiador na sua escuta em relação às crianças, verificou-se que cinco delas apontaram o “número de crianças” como principal desafio, enquanto apenas uma indicou a “falta de tempo” e outra mencionou “fatores emocionais”.

Além disso, nas respostas abertas desta mesma pergunta, duas educadoras trouxeram considerações mais detalhadas: uma destacou a “junção de número de crianças + falta de apoio para que eu possa ouvi-las e outra pessoa auxiliar em demandas práticas, como receber crianças, ajudar a calçar sapato, abrir a porta, etc.”, e outra relatou “ainda sofro quando elas estão tristes por algo muito forte... fico muito preocupada e às vezes fico sem dormir por isso”.

Os resultados indicam que a escuta e o acolhimento da fala das crianças estão presentes na prática das educadoras, entretanto, evidenciam-se diversas vertentes que tornam esse processo desafiador, a exemplo do número de crianças que é um fator relevante de acordo com as educadoras, o que dificulta que as crianças sejam ouvidas e acolhidas

adequadamente. Contudo, o Decreto nº 45.038, de 05 de outubro de 2023, estabelece que, na Pré-escola, o limite máximo é de “30 crianças” e determina, em seu parágrafo único, que “o limite de estudantes, por sala de aula/atividades/berçário nas modalidades de ensino previstas em resolução própria, será definido pela SEEDF, de acordo com suas especificidades” (BRASIL, 2023).

Ainda que haja respaldo legal, mostra-se inviável que apenas uma educadora consiga escutar e acolher atentamente com esse número elevado de crianças. Nesse sentido, a quantidade excessiva de crianças por turma sobrecarrega as educadoras, assim como a ausência de profissionais que auxiliem nas atividades básicas do cotidiano, fatores esses que influenciam diretamente sua atuação. Ademais, é relevante pontuar que os fatores emocionais decorrentes dos diálogos estabelecidos com as crianças também impactam a vida dessas educadoras, produzindo efeitos significativos em sua saúde.

Diante disso, torna-se evidente que o número excessivo de crianças atribuídas a apenas uma educadora gera impactos significativos em sua atuação profissional, sendo necessária a revisão de tais documentos legais, as quais deveriam considerar de forma mais aprofundada os impactos dessas condições de trabalho sobre as educadoras.

Por fim, ao serem questionadas se “costumam registrar as falas das crianças?”, apenas cinco educadoras indicaram que “sim”, enquanto quatro responderam que “não”. No que se refere à frequência desse registro, quatro educadoras afirmaram realizá-lo “eventualmente na semana”, e uma indicou que registra “diariamente”. É pertinente registrar que duas das educadoras que indicaram “não registrar” as falas das crianças informaram que realizam esse registro “eventualmente no mês”, enquanto outra apontou que registra “só quando há uma fala muito intrigante e interessante”. No que diz respeito à forma de registro, cinco educadoras relataram realizá-lo “por escrito”, e uma indicou fazê-lo “por gravação”, as demais educadoras não responderam a essa pergunta.

As respostas relacionadas aos registros podem evidenciar que as educadoras não compreendem plenamente sobre a importância e o papel desse procedimento, uma vez que, segundo afirmam Pinazza e Fochi (2018, p.16), “[...] percebemos que o registro é utilizado como ‘prestador de contas’ para as famílias ou mesmo para a própria instituição”. No entanto, é importante destacar que o registro da fala constitui apenas uma das diversas formas de expressão e dos diferentes procedimentos de registro que fundamentam a documentação pedagógica, conforme discutem os autores.

Nesse sentido, embora os registros sejam de suma importância por constituírem a base da documentação pedagógica, nem todo registro produzido se configura, de fato, como documentação pedagógica. Isso, contudo, não invalida a necessidade de que sejam realizados com qualidade, uma vez que, como ressaltam Pinazza e Fochi (2018, p. 23), “uma documentação pedagógica depende de uma alta qualidade de registros de observação e de grande competência na coleta, na produção e na organização dos dados”.

Além disso, esses autores também apontam que as reclamações mais frequentes concentram-se nas grandes dificuldades enfrentadas para registrar os acontecimentos do cotidiano nas instituições de Educação Infantil e para utilizar esses registros, de forma sistemática, como subsídios para orientar o planejamento pedagógico (Pinazza e Fochi, 2018, p. 17). Entre os argumentos apresentados, destacam-se a escassez de tempo e a falta de clareza sobre o que deve ser observado e registrado como relevante. Tais questões vão ao encontro do que foi indicado pelas educadoras, uma vez que o número de crianças afeta diretamente a sua prática pedagógica. Nesse sentido, torna-se necessário que tais conhecimentos sejam elucidados e discutidos coletivamente, pois, conforme afirmam Pinazza e Fochi (2018),

Trata-se, antes de tudo, de um árduo exercício, que não se cumpre isoladamente, mas sim, no coletivo, mediante reflexão individual e partilhada, de maneira colaborativa, no genuíno sentido de comunicação das jornadas de aprendizagens das crianças e de aprendizagens dos adultos. (Pinazza; Fochi, 2018, p.23,24)

Formação continuada

Conforme citado anteriormente, é pertinente que haja, no contexto escolar, momentos coletivos de formação, pautados em reflexões individuais e partilhadas. Nesse sentido, com o intuito de compreender “se a escola oferece momentos de formação para discutir práticas de escuta e protagonismo infantil”, identificou-se que sete educadoras afirmaram a existência dessas formações, enquanto duas indicaram que tais momentos não ocorrem na instituição. Esse dado revela que, embora a maioria das educadoras reconheça a oferta de espaços formativos, ainda há indícios de fragilidades quanto à efetivação dessas ações, à medida que, não é reconhecido por todas.

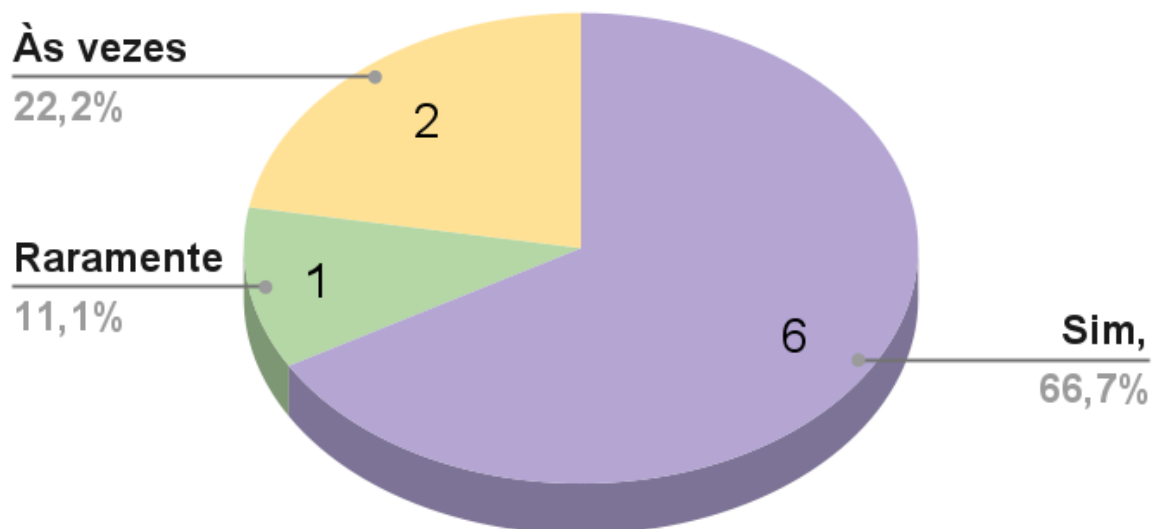
A partir da identificação de que parte significativa das educadoras reconhece a existência de momentos de formação, buscou-se investigar como tais formações são

avaliadas. Os dados evidenciam que as educadoras consideram esses momentos muito importantes, destacando-os como ricos em trocas de experiências e fundamentais para a preparação da regência em sala de aula. Tal percepção vai de encontro ao Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (2019, p. 57), que atribui à Coordenação Pedagógica a responsabilidade de:

VI - estimular, orientar e acompanhar o trabalho docente na implementação do Currículo da Educação Básica e das Orientações Pedagógicas da SEEDF, por meio de pesquisas, de estudos individuais e em equipe, e de oficinas pedagógicas locais, assegurando a Coordenação Pedagógica como espaço de formação continuada.

Em continuidade, com a intenção de analisar se as educadoras se sentem à vontade para expressar a sua escuta, ideias e observações sobre as crianças com outras colegas, foi observado os seguintes resultados conforme apresenta o gráfico I:

Gráfico I - Percepção das educadoras



Fonte: Dados coletados

Os resultados obtidos evidenciam que a maioria das educadoras se sentem confortáveis para compartilhar suas percepções, notando a existência de um ambiente favorável ao diálogo e às trocas coletivas, aspecto fundamental para o fortalecimento da

prática pedagógica. Nesse sentido, Alves (2021, p. 28) destaca que Rudolf Steiner demonstrava grande preocupação com a formação das(os) educadoras(es), ao considerar que “essas(es) profissionais são a peça chave para que a prática pedagógica ocorra de maneira que se consiga atingir o objetivo principal da Pedagogia Waldorf, que é o desenvolvimento completo de cada ser humano, de forma individual e também social.”

Entretanto, as demais educadoras, apontaram se sentir à vontade apenas às vezes e até mesmo raramente, o que indica um alerta acerca desses momentos. Tal desconforto pode comprometer a partilha de observações sobre as crianças, fragilizar os processos coletivos de reflexão e limitar a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e intencionais. Desse modo, evidencia-se a necessidade de fortalecer espaços formativos que promovam relações de confiança e diálogo entre as educadoras, compreendendo tais aspectos como fundamentais para a qualificação da prática pedagógica.

Na sequência, visando compreender “se a escola adota entre no seu corpo docente uma troca de experiências sobre o cotidiano, expressões e desenvolvimento das crianças”, foi constatado por todas as educadoras que “sim”. A fim de investigar como essas trocas de experiências contribuem para os aspectos da prática das educadoras, sendo possível indicar mais de uma opção, os dados indicaram que o apoio emocional entre colegas e a escuta mais sensível das crianças, foram citados seis vezes, o (re)planejamento das atividades indicado cinco vezes e a articulação de projetos foi citada por 3 das educadoras, todas as educadoras responderam esta pergunta.

Tais dados evidenciam a relevância dos espaços de troca entre as educadoras, uma vez que esses momentos ultrapassam a organização do planejamento pedagógico e se constituem como práticas formativas que impactam diretamente a qualidade da escuta das crianças.

Portanto, o conjunto de respostas analisadas, em torno das vivências cotidianas dessas educadoras junto às crianças no contexto de uma instituição de Educação Infantil inspirada na pedagogia Waldorf, demonstra a importância e a efetividade de um ambiente educativo organizado para olhar com atenção e cuidado, às expressões infantis. Neste trabalho, com ênfase especial nas falas das crianças, os dados analisados comprovam como pedagogias como a Waldorf, assim como outras, se fundamentam em relações e práxis mais humanizadas, promovem uma ação pedagógica que potencializa as diversas dimensões humanas que constituem a criança na infância. Desse modo, reforça-se a importância de uma abordagem pedagógica sensível, intencional e humanizada, que reconheça a criança como sujeito de

direitos e a educadora como elemento fundamental na construção de práticas educativas pautadas no cuidado, na escuta e no respeito ao desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender como a Pedagogia Waldorf pode potencializar a expressão da fala das crianças na Educação Infantil, tomando como base uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola pública inspirada nessa abordagem pedagógica. A investigação foi orientada pela análise dos dados coletados por meio de questionários aplicados às educadoras de Educação Infantil da instituição, aliado aos referenciais teóricos e documentos legais.

Os resultados evidenciam que as práticas inspiradas na Pedagogia Waldorf contribuem de maneira significativa para a promoção da expressão da fala das crianças. A análise dos dados revelou que, por meio do planejamento e da rotina, há valorização do brincar livre, da escuta atenta e do acolhimento das expressões infantis. Além disso, observou-se que os momentos de brincadeira livre são aqueles nos quais a expressão da fala espontânea ocorre com maior frequência. Tal constatação reforça a importância de garantir tempos e espaços destinados ao brincar não dirigido, permitindo que as crianças explorem, se expressem, participem, convivam e construam conhecimentos a partir de suas próprias iniciativas, em consonância com os princípios das normativas nacionais para a Educação Infantil e da Pedagogia Waldorf.

No que se refere ao protagonismo infantil no planejamento pedagógico, identificou-se que, embora haja participação das crianças em alguns momentos do cotidiano, essa participação ocorre, muitas vezes, de forma pouco objetiva e limitada a ações práticas, o que mantém o processo decisório predominantemente centrado no adulto. Desse modo, ainda que as falas e iniciativas das crianças sejam consideradas, evidencia-se a necessidade de ampliar espaços efetivos de participação, de modo que o planejamento pedagógico incorpore de forma mais consciente e intencional as vozes infantis, fortalecendo o protagonismo das crianças no contexto educativo.

O estudo também ressalta a importância da escuta atenta e do acolhimento da fala das crianças como um dos elementos centrais para a potencialização de sua expressão. Embora a maioria das educadoras avalie positivamente a própria escuta, os dados revelam desafios significativos que impactam a prática pedagógica das educadoras. O número elevado de crianças por turma mostrou-se um fator que compromete a possibilidade de uma escuta atenta

e contínua, entre outras impossibilidades que esse contexto de superlotação da turma pode gerar. Diante disso, torna-se imprescindível a reavaliação das condições de trabalho, reconhecendo que a garantia do direito das crianças à expressão da fala está diretamente relacionada ao cuidado com quem educa.

No que diz respeito aos registros das falas das crianças, a pesquisa evidenciou a necessidade de um maior aprofundamento sobre sua importância. Observou-se que parte das educadoras ainda não compreende plenamente o papel dos registros como base para a documentação pedagógica e para a reflexão sobre a prática docente. Assim, destaca-se a relevância de investir em processos formativos que favoreçam a compreensão dos registros como instrumentos pedagógicos fundamentais para a observação, o planejamento e a qualificação das práticas educativas.

Nesse sentido, a análise das formações pedagógicas revelou que, embora a instituição promova momentos coletivos de troca e reflexão, ainda existem lacunas quanto à efetivação desses espaços. Algumas educadoras relataram não se sentem plenamente à vontade para compartilhar suas percepções e inquietações, o que limita o potencial formativo desses momentos de partilha. Tal cenário aponta para a necessidade de rever e fortalecer os espaços de formação continuada, assegurando que sejam pautados em relações de confiança, acolhimento e diálogo, fundamentais para o desenvolvimento coletivo e individual das educadoras.

Espera-se que este estudo contribua para a ampliação das reflexões sobre a expressão da fala das crianças na Educação Infantil, fortalecendo práticas que valorizem a escuta, o protagonismo infantil e a formação continuada das educadoras, especialmente no contexto da escola pública. Também sugere-se a realização de novos estudos que aprofundem as temáticas discutidas, ampliando o debate e fortalecendo a produção de conhecimentos na área.

Por fim, evidencia-se que Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica sensível, intencional e humanizada, que reconhece a criança como sujeito de direitos e a educadora como peça fundamental para a construção de práticas educativas pautadas no cuidado, na escuta e no respeito ao desenvolvimento infantil, perspectivas estas que, se confluem com as normativas nacionais para a etapa de educação infantil, portanto, com viabilidade efetiva de se desenvolver em instituições públicas de educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carolina Franco. **O desenvolvimento humano na Pedagogia Waldorf: conhecendo o primeiro setênio**. 2021. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67–79.

BEZERRA, Mariana de Jesus; SCHMIDT, Cristina. Desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil com a Pedagogia Waldorf. **Revista Brasileira de Desenvolvimento e Inovação**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2025. Disponível em: <https://rbdin.com.br/index.php/revista/article/view/4>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 45.038, de 05 de outubro de 2023**. Institui a Política Distrital para normatizar parâmetros para edificações das instituições educacionais públicas e privadas da Educação Básica no Distrito Federal e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, 05 out. 2023. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/9fa7a2cd7920404c9706837abd410cb8/Decreto_45038_05_10_2023.html. Acesso em: 29 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: https://sme.limeira.sp.gov.br/leis/diretrizes_curriculares_nacionais_infantil.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

BRASIL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2026.

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. **Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora**. *Pro-Posições*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201607909>

DA SILVA, Michele Maria; SARAMAGO DE OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA DA SILVA, Glênio. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativa.

Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 91–103, 25 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DOS ANJOS, Dulciene Amparo. Quando o falar quer dizer: considerações sobre a contribuição da Pedagogia Waldorf para o desenvolvimento da expressão oral. **Revista Estudo IAT**, v. 9, 2023. Disponível em: <https://estudiosiat.educacao.ba.gov.br/index.php/estudiosiat/article/view/365>. Acesso em: 2 dez. 2025.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL. **BNCC e Pedagogia Waldorf: a etapa da Educação Infantil**. 2020. Disponível em: https://www.fewb.org.br/bncc_educacao_infantil.html. Acesso em: 10 jan. 2026.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL. **Panorama brasileiro**. Disponível em: <https://www.fewb.org.br/dados.html>. Acesso em: 16 dez. 2025.

GIMAEL, Patrícia; AGUIAR, Selma de. **Infância vivenciada**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2022.

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184–199, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819402018184/pdf>. Acesso em: 27 jan. 2026.

SANTOS, Maila Yonara da Silva. **A escuta das crianças nos documentos oficiais e diretrizes educacionais de Educação Infantil no Brasil**. 2022. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, Rita de Cássia Santos. **Achadouros de infâncias: revisitando experiências de escuta e observação de crianças**. 2020. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília.

SOUZA, Fabiana Gomes; PEREIRA, João Carlos Lima. **Rodas de conversa na Educação Infantil: o espaço democrático da fala**. In: CONEDU – Educação Infantil. v. 3. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/119069>. Acesso em: 18 jan. 2026.

WILMSEN, Lilibth; MACIEL, Rochele Rita Andreazza; RAMOS, Flávia Brocchetto. Ser professor de criança: a escuta atenta das infâncias. **Revista Didática Sistemica**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 301–313, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/11769>. Acesso em: 19 jan. 2026.

APÊNDICES

“A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas um meio de expressão, de criação e de construção de identidade.”

Vygotsky, L. S.

Quando a Infância Fala, Quem Escuta?

Querida educadora,

Este questionário faz parte da minha pesquisa para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. O objetivo é compreender como a fala das crianças é acolhida, escutada e incentivada no dia a dia da Educação Infantil, especialmente em uma escola inspirada na Pedagogia Waldorf.

Sua participação é muito importante e será acolhida com carinho. As respostas são anônimas e utilizadas apenas para fins acadêmicos. Sinta-se à vontade para responder com sinceridade, a partir da sua experiência com as crianças.

Agradeço imensamente por dedicar um tempo a esta escuta.

Com carinho,

Bárbara Lorena

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Você é professora: *

- Temporária
- Efetiva

2. Há quanto tempo você atua na rede pública? *

- Menos de 1 ano
- 1 a 3 anos
- 4 a 6 anos
- Mais de 6 anos

3. Há quanto tempo você atua com a Educação Infantil? *

- Menos de 1 ano
- 1 a 3 anos
- 4 a 6 anos
- Mais de 6 anos

5. Você já havia tido contato com a Pedagogia Waldorf antes de atuar nesta escola? *

- Sim
- Não

Se sim, onde, como e por quanto tempo?

Sua resposta

6. Em quais momentos da rotina você observa maior espontaneidade na fala das crianças? (pode marcar mais de uma) *

- Rodas de conversa
- Atividades livres ou de brincar
- Atividades dirigidas
- Hora da alimentação
- Outro: _____

7. Dentro dos planejamentos da rotina, são previstas atividades e/ou momentos com a intencionalidade de oportunizar a fala das crianças? *

- Sim
- Não

Se sim, quais?

Sua resposta _____

Quais resultados e/ou dimensões de desenvolvimento são gerados e percebidos junto às crianças a partir dessas atividades?

Sua resposta _____

8. No cotidiano, é possível ter tempo para escutar atentamente as crianças? *

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Às vezes
- Raramente

9. Você costuma registrar as falas das crianças? *

- Sim
- Não

Se sim, com que frequência?

- Diariamente
- Eventualmente na semana
- Eventualmente no mês
- Outro: _____

Como costuma fazer esse registro?

- Por escrito
- Gravação
- Outro: _____

10. Entre as atividades e brincadeiras da rotina, em quais você percebe que mais ^{*} estimulam a fala espontânea das crianças?

Sua resposta _____

11. Como você escuta e estimula a fala de crianças com dificuldades de ^{*} comunicação (seja por timidez ou outras razões)?

Sua resposta _____

12. As falas das crianças influenciam o planejamento pedagógico da sua turma? ^{*}

Sim

Não

13. As crianças participam de alguma forma do planejamento das atividades ou ^{*} organização dos espaços em sala?

Sim

Não

Se sim, em quais e de que forma?

Sua resposta _____

14. As idéias das crianças são levadas em consideração nas decisões cotidianas *
da rotina escolar?

Sim

Não

Se sim, conte um exemplo

Sua resposta _____

16. Como você reage quando as crianças propõem novas formas de fazer algo *
ou querem modificar uma atividade planejada?

Sua resposta _____

17. A escola oferece momentos de formação para discutir práticas de escuta e *
protagonismo infantil?

Sim

Não

Se sim, como você avalia essas formações?

Sua resposta _____

18. Na sua turma há crianças indígenas ou de outras culturas e nacionalidades? *

- Sim
- Não

Se sim, como suas falas e expressões são acolhidas?

Sua resposta _____

19. Como você avalia sua própria escuta em relação às crianças? *

- Muito atenta
- Boa, mas posso melhorar
- Limitada por fatores externos
- Sinto dificuldade em escutar
- Nunca parei para refletir sobre isso

20. Como você se sente ao mediar conflitos entre crianças em que há forte expressão de sentimentos ou falas? *

- Preparada e segura
- À vontade, mas com dúvidas
- Insegura às vezes
- Evito intervir diretamente
- Outro: _____

21. Quando uma criança expressa uma atitude, emoção e/ou sentimento delicado (como tristeza, medo, raiva, etc.), como você costuma agir? *

- Escuto e acolho a fala
- Escuto e comunico à gestão
- Repasso aos responsáveis
- Sinto dificuldade de lidar
- Outro: _____

22. O que você considera mais desafiador na sua escuta das crianças? *

- Falta de tempo
- Excesso de demandas administrativas
- Número de crianças
- Fatores emocionais pessoais
- Outro: _____

23. Você se sente à vontade para expressar sua escuta, ideias e observações sobre as crianças com outras colegas? *

- Sim, sempre
- Às vezes
- Raramente
- Não me sinto à vontade
- Não tenho esse hábito

24. A escola adota entre o seu corpo docente a troca de experiências sobre o cotidiano, expressões e desenvolvimento das crianças? *

Sim

Não

Se sim, A troca de experiências do cotidiano com as crianças, entre as educadoras, contribui para qual aspecto da prática? (pode marcar mais de uma)

(Re)planejamento das atividades

Apoio emocional entre colegas

Escuta mais sensível das crianças

Articulação de projetos

Essas trocas não são úteis ou produtivas

Outro: _____

25. Em momentos de escuta ativa das crianças, você sente... *

- Satisfação e conexão com a prática
- Insegurança sobre como agir
- Dificuldade em registrar ou usar essa escuta
- Desejo de se aprofundar mais no tema
- Outro: _____

26. Você considera que a formação inicial em pedagogia te preparou para práticas de escuta e acolhimento infantil? *

- Sim, bastante
- Em parte
- Muito pouco
- Nada
- Outro: _____